

ELOS PARA A CONSTRUÇÃO TEATRAL: DOIS LADOS DE UMA FORMAÇÃO

João Murilo Mantovan Souza (UEM)

Ana Beatriz Plassa Constante (UEM)

Fernando Lemes dos Santos (UEM)

Kátia Milene dos Santos Maffi (UEM)

ra140124@uem.br

Resumo:

No âmbito do projeto de extensão Práticas de Encenação e Pedagogia do Teatro (PEPT), nós, estudantes do segundo ano de Artes Cênicas, ao ministrarmos um curso de Iniciação Teatral para Adultos, experimentamos na prática a conexão entre ensino, extensão e cultura. Entendemos a arte teatral como uma poderosa ferramenta para reestabelecer um senso de coletividade entre as pessoas na contemporaneidade, além do reencontro consigo mesmo e momentos de estesia. Nosso principal foco foi investigar como a improvisação, por meio de jogos teatrais de Augusto Boal e Viola Spolin, pode ser uma porta de entrada para iniciantes ao teatro. A flexibilidade metodológica foi chave: adaptamos nossas aulas com base nas conversas e interesses dos alunos e tal experiência nos levou a reflexão sobre a prática docente e a formação expandida, ressaltando a importância da adaptação de conteúdos e do nosso papel como educadores em um mundo que, muitas vezes, não valoriza a arte.

Palavras-chave: Formação; Iniciação teatral; Não-atores; Improvisação; Estesia

1. Introdução

No projeto de extensão Prática de Encenação e Pedagogias do Teatro (PEPT) temos experimentado, na prática, os valores da tríade Ensino-Extensão-Cultura e como licenciandos em Teatro do curso de graduação em Artes Cênicas temos compreendido esses elos para uma formação expandida, seja em nossa formação como artistas-docentes-pesquisadores bem como na formação dos participantes do curso de Iniciação Teatral para Adultos que ministramos, com orientação docente, no primeiro semestre do ano de 2025¹.

¹ Curso ofertado de 06 de maio de 2025 a 29 de julho de 2025, às terças-feiras das 18h30 às 20h30 no Bloco O-08 UEM, ministrado pelas pessoas discentes do curso de graduação em Artes Cênicas,

Para discutirmos uma formação expandida no contexto da atualidade, educar artisticamente não é uma tarefa fácil, devido à crise de valores, do individualismo e a sobrecarga de tensões, a falta de solidariedade entre outros fatores nocivos ao contato humano que tem se apresentado no dia a dia (Brikman, 2014).

Essa discussão nos faz pensar em modos de se trabalhar em coletivo: como o fazer teatral, arte fundamentalmente coletiva, pode ser compartilhado, ensinado e instigado às pessoas na atualidade? Refletindo sobre nosso cenário atual, alinhado às aulas que ministramos, analisamos como a metodologia escolhida colaborou para a formação de não-atores, e para nossa formação docente, criando um espaço de colaboração, de escuta e de estesia como base formativa para o sujeito. Tais reflexões foram fundamentais para abrir à nossa percepção sobre o processo de ensino-aprendizagem, pois seremos professores e estaremos no dia a dia lidando com a diversidade que compõe os coletivos de uma sala de aula. A partir disso, temos como objetivos: 1) Compreender como os jogos teatrais e de improvisação podem introduzir não-atores ao fazer teatral; 2) Entender a importância do diálogo e a escuta dos professores junto aos alunos; 3) Compreender a formação expandida por meio da experiência da criação cênica.

2. Metodologia

Nas aulas de Iniciação Teatral para Adultos, de cunho prático-experimental, utilizamos da metodologia dos jogos de improvisação teatral de Viola Spolin (2007) e Augusto Boal (1985). Priorizamos, fundamentalmente, a improvisação, como disparadora da criatividade individual e coletiva, da conscientização corporal e vocal, da organização espaço-temporal, do reconhecimento de objetivos, começo meio e fim de uma história, do desenvolvimento de pequenas cenas. Ao final de cada aula, as rodas de conversa foram nossa ferramenta didática de avaliação, proporcionando um momento para conversarmos com nossos alunos sobre a experiência vivenciada. A partir desse instrumento avaliativo refletimos sobre a apreensão das atividades propostas, bem como sobre o planejamento e/ou a reestruturação das próximas aulas.

licenciatura em Teatro, a saber João Murilo Mantovan Souza, Ana Beatriz Plassa Constante e Fernando Lemes dos Santos, com orientação da Professora Doutora Kátia Milene dos Santos Maffi.

3. Resultados e Discussão

Em tempos de relações interpessoais tão difíceis, em que as diferenças separam e polarizam os sujeitos, ações como o diálogo, a escuta, o olhar nos olhos, o estar junto com outros que sejam diferentes de nós têm se distanciado de nossas práticas diárias. A vida de uma pessoa adulta (nosso público alvo) torna-se automática e anestesiada, se resumindo à funcionalidade e poder operativo de seus corpos, impedindo a percepção de si e do mundo.

Diante do exposto, compreendemos que os jogos teatrais de Spolin (2007) e Boal (1985) se revelaram métodos eficientes no nosso processo de ensino-aprendizagem. A partir desses autores trabalhamos o improviso como gatilho para a criação cênica, mas sobretudo para abordar a sensibilização e a desautomatização sobre a vida cotidiana dos participantes, proporcionando um momento de consciência sobre como a rotina pode gerar a sensação de anestesia e transformar essa relação pela redescoberta do poder de estesia que temos. A partir dos relatos dos alunos, as rodas de conversa se mostraram um instrumento avaliativo eficiente. Elas proporcionaram ao grupo — alunos e professores — não apenas momentos de reflexão sobre os exercícios práticos, mas, principalmente, sobre o impacto que a prática teatral estava começando a ter em suas vidas diárias, bem como estimulava as ligações sociais entre eles, passo essencial para a promoção de um ambiente em que todos conseguiram pensar juntos, como um grupo.

Percebemos o impacto positivo dos recursos metodológicos utilizados em aula, bem como sobre nossas atitudes como professores, pois “toda a experiência desencadeia nas mesmas reflexões sobre o que é interessante enquanto metodologia no decorrer das aulas” (MATIAS, 2020, p. 129). Portanto, refletimos sobre as metodologias antes de serem aplicadas, mas também estivemos abertos às mudanças e adaptações delas conforme as dinâmicas aconteciam. Outro fator que nos chamou a atenção foi a assiduidade do grupo, mesmo sem o objetivo de profissionalização, demonstrando que o curso era um espaço para se reencontrarem consigo mesmos e com os outros, expandindo a formação para um senso de coletividade, o que resultou no desejo dos alunos em continuar os encontros após a finalização do curso.

4. Considerações

Com essa experiência de ensino-extensão-cultura, concluímos que as reflexões apresentadas sobre a metodologia e os resultados é de extrema utilidade para pensarmos e repensarmos na nossa formação como futuros docentes, pois compreendemos que precisamos manter vivo o desejo da investigação sobre si próprio, nos provocando a sair da anestesia do cotidiano e de se permitir à reconexão da estesia, procurando sempre melhorar e refletir sobre o que é ensinar arte em um mundo onde isso é visto como algo descartável.

Referências

BOAL, Augusto. **200 exercícios e jogos para o ator e não-ator com vontade de dizer algo através do teatro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

BRIKMAN, Lola. **A linguagem do movimento corporal**. São Paulo: Summus, 2014.

MATIAS, Barbara Leite. Entre pedagogia e formação: a importância do estágio na escola pública para o artista-docente. **Moringa - Artes do Espetáculo**, João Pessoa, v. 11, n. 2, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/moringa/article/view/56515>. Acesso em: 17 ago. 2025.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais na sala de aula**. São Paulo: Perspectiva, 2007.